

O Populismo na política Brasileira

Homero de Oliveira Costa

Jornal de Hoje 26.09.2001

Em agosto de 2001 Luis Inácio Lula da Silva declarou em uma entrevista que, caso fosse eleito presidente da República, pretendia rever alguns processos de privatização. Foi o suficiente para que fosse tachado por alguns colonistas na grande imprensa como “populista”.

O sentido de “populista” atribuído a Lula tem certamente um tom crítico. O fato de rever os processos de privatização tais como se deram nos governos de Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso podem ser entendidos como “medidas populistas”?

Para responder a esta questão é preciso compreender o que é mesmo populismo. No dicionário Aurélio, significa: “política fundada no aliciamento das classes sociais de menor poder aquisitivo” e o populista aparece como “amigo do povo” (o que parece ser uma contradição). No exemplo citado (Lula) conhecendo um pouco os processos de privatização como se deram e o próprio Lula, ele é certamente “populista” no sentido que o Aurélio atribui, ou seja, amigo do povo.

No campo das Ciências Sociais o conceito é mais complexo. Ele é comumente utilizado para explicar o passado recente do país, como um fenômeno que regeu as relações entre Estado e sociedade entre os anos 1930-1964, ou seja, o golpe militar de 1964 representaria a crise final do populismo. O fator explicativo era a relação desigual entre Estado e sociedade. Numa visão que se tornou clássica no Brasil, o populismo aparece como política de massas e um fenômeno vinculado à modernização da sociedade.

A matriz teórica está na teoria da modernização, formulada no início dos anos 1950, pelo argentino Gino Germani, cuja hipótese central é a de que o populismo surgiu na América Latina em uma época de transição de uma sociedade tradicional para uma sociedade de massas. Essa vai ser a base de um estudo clássico no Brasil: O populismo na política brasileira, de Francisco Weffort (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978).

Em linhas gerais, destaca-se a manipulação das massas (uma relação " de cima para baixo") e também a interlocução entre Estado e classe trabalhadora, na qual há a conjugação entre a repressão estatal com a manipulação política.

Nesta perspectiva, o populismo surge no Brasil depois de 1930, quando Getúlio Vargas assume o poder e vai se caracterizar essencialmente por representar uma época histórica na qual o estado teve um papel de destaque no sentido de articular um pacto de classes, sob a hegemonia das classes dominantes e ao mesmo tempo, com o crescimento numérico da classe trabalhadora – decorrentes dos processos de industrialização e urbanização – serviu, também, como um canal de insatisfações populares que recebia algumas concessões, desde que não pusesse, e risco a hegemonia das classes dominantes..

Este pacto, habilmente articulado por Vargas, por abrigar forças contraditórias, foi um movimento de crises permanente, cujos desdobramentos resultará no golpe de 1964.

Colocado nestes termos, o populismo aparece como um pacto das elites, tendo-as como principais beneficiárias, como um modo concreto e determinado de manipulação das classes populares.

Assim sendo, o novo cenário, não apenas brasileiro, mas latino-americano, não comporta mais o populismo no seu sentido clássico.

Décio Saes se refere a uma reemergência do populismo, uma nova fase no qual surge um novo discurso político, que propõe que o governo substitua – como no populismo clássico – a organização independente das massas trabalhadoras e proponha políticas que resultem, pelo menos no discurso, a resolver os graves problemas, como a miséria e a fome e possam contribuir para diminuir o fosso entre os ricos e os pobres e no qual o mercado teria importante papel a desempenhar.

No entanto, ao contrário do populismo clássico, o conteúdo do discurso e a prática de governo, são no sentido do desmantelamento do Estado (chamado de intervencionista, atrasado etc.) e a ampliação dos processos de privatização. Fez parte desse processo e dessa retórica neoliberal, Carlos Menem na Argentina, Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso no Brasil, Andrés Perez na Venezuela etc.

Assim, para Décio Saes, a partir dos anos 1990, que inaugura uma nova fase do desenvolvimento do capitalismo e, conseqüentemente, novas formas de dominação política, haverá uma reemergência do fenômeno populista, um populismo que ele chama de “neoliberal”, não apenas no Brasil, como na América Latina.

Homero Costa é professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN
http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/homero_costa/index.html



www.dhnet.org.br